

Quando você vai embora movo meu rosto do espelho e minha alma chora

Anderson do Carmo*

“Wagner Schwartz” é nome que escuto desde 2008 quando a dança era para mim ainda um flerte. Antes de desgrudar da retina seu rastro em vídeo para finalmente ver sua carne em movimento na Bienal SESC de Dança 2015, na edição anterior – a de 2013, ainda na maresia de Santos e não na secura de Campinas – um afeto primeiro atravessou a minha carne.

Dobro aqui o tempo para alcançar uma lembrança quase boba: astrólogo amador que sou, descubro que este bailarino que tanto dança sozinho é sagitariano. Alisando o tempo vincado de memória para voltar a 2015 um sentido a ser seguido emerge claramente: centauro vigoroso, Wagner Schwartz atravessa a sua selva-dança com uma aljava cheia de flechas flamejantes sem nunca lançar sua artilharia a esmo. Quatro dos alvos atingidos em cheio recebem inclusive nome próprio: *Piranha*, *La bête*, *Transobjeto* e *Mal secreto*. O que é abatido quando cada uma destas peças-alvo é performada tem nome misterioso, quase impronunciável. Aquilo que cai por terra quando se é atravessado por esta dança é a certeza de que somos uma coisa única, inteira e já finalizada. Uma legião habitaria cada “eu”.

A *Ocupação* que carrega o nome do artista dá conta de apresentar sua perícia em perfurar o “eu” monolítico e maciço que julgamos ser e – delicadamente, quase sem que possamos perceber – pôr em movimento os muitos fósseis e detritos de coisas outra que dão forma ao que somos. Essa perícia que perfura também espanta: voz, letra, palavra e significado deixam de ser uma mesma coisa, perdem a equivalência imediata entre si e se tornam impotente barragem que tenta estancar a força de um alagamento. A vida nunca coube na linguagem e Wagner Schwartz dança para nos lembrar de que assim continuará a ser.

A partir desta proposição mesmo a cronologia em que se apresentam as obras intensifica-as não como “retrospectiva”, mas no caráter radical de suas individualidades que se evidencia em sua justaposição. A lógica Piranha-LaBête-Transobjeto-MalSecreto é uma lógica 2009-2005-2004-2014. Propositadamente ou não o que esta lógica propõe é começar revelando a escrita como tentativa falida de traduzir o mundo. Mesmo essa que agora se está por ler. As palavras não são as coisas – aqui Foucault gargalharia – e mirando os pixels projetados no telão a falar de “peixe-dente, peixe-diabo, peixe-tesoura” é impossível não pensar que há um bocado de milênios atrás a mesma sensação desesperadora de solidão e incompletude acometia um hominídeo com os dedos ainda úmidos do pigmento usado nos desenhos que hoje adjetivamos de “rupestres”.

Ainda curando as mordidas da piranha – todas invisíveis uma vez que sucederam no lado de dentro – pouco se precisaria falar dos demais bichos e bestas. Eles aparecem no segundo dia da *Ocupação* quando o corpo nu do bailarino é manuseado como um *Bicho* projetado por Lygia Clark. Wagner some, desaparece e a materialidade nua de seu corpo vira lugar no qual os muitos “eus” de cada espectador se mostram; dos mais dóceis aos mais autoritários.

Esse concretismo explodido em 3D de Clark abre caminho para os radicais questionamentos de que *Transobjeto* lança mão. Seria a brasilidade o objeto que se atravessa na obra? Centauro galopando na revolta, a obra orquestra temporalidades e identidades: Carmem Miranda compõe uma coreografia de braços nacionalista para trilha de Caê e envolta nos parangolés de Oiticica nega veementemente estar americanizada, ou europeizada, ou intelectualizada. A pequena notável gosta mesmo é de emoções fortes, clima tropical e caipirinha, *you know?* Assistir *Transobjeto* 10 anos depois de sua criação é se espantar com os desdobramentos da crítica pós-colonial e principalmente com a captura desta: se uma década atrás a necessidade de enquadrar o que é próprio do Brasil nos entendimentos sobre nós propagados pelo velho continente merecia contra ataque, em 2015 a questão se decanta:

estaríamos – os brasileiros – colonizando a nós mesmos através da autoimagem que precisamos forjar? *Is banana still our business?*

Fechar a *Ocupação* deve ter sido tão difícil quanto agora parece encerrar este escrito. Os versos e silêncios que Wagner intitula *Mal secreto* sintetizam com clareza o que parece ser progressivamente o interesse e a habilidade do artista: coreografar pensamento. O movimento sucede não do corpo do bailarino para fora, mas do corpo do espectador para dentro. Aqui Wagner também se dilui progressivamente. Sua silhueta resta nos acontecimentos que narra e projeta como pegada na areia lentamente apagada pela maré.

Longe do que poderia representar uma ocupação – um olhar para trás, para um passado inerte – o que ao espectador é entregue se assemelha a figura sem nome que repousa aos pés da mulher-que-se-despe que nos é mostrada por trás dos contornos do artista. O que interessa não é a realidade de sua existência, mas a potência que arquitetar uma existência tal como aquela representa. O que se recebe de Wagner não é uma adequação de sua capacidade de arquitetar existências aos entendimentos e demandas da dança, o que se recebe são criações que em sua radicalidade redefinem as próprias compreensões de dança de maneira incendiária. Como a flecha de um centauro.

* Bailarino do Grupo Cena 11 Cia de Dança e mestrando em teatro no PPGT- UDESC, escreve para o Jornal Notícias do Dia de Florianópolis.